

2. Onde convidamos a visitar os lugares invisíveis

2.1. O Beco dos Trilhos e Convington: memória e ficção vêm compor a primeira cena dessa dissertação

Façamos uma visita à Cachoeira do Sul, cidade do interior do Rio Grande do Sul... Chegamos no Bairro Soares, onde morei até os 15 anos de idade. Em frente à minha casa tinha o Beco dos Trilhos. Este era o nome do lugar, Beco dos Trilhos. A vista da sacada do quarto dos meus irmãos ficava “prejudicada”. Para ver a cidade, precisávamos antes constatar a presença do Beco dos Trilhos. Lugar sinistro. Quem morava no Beco dos Trilhos boa pessoa não era. Pelo menos era assim que pensavam as pessoas que moravam ali por perto. O Beco dos Trilhos era um atalho. Ir para o Colégio pelo Beco dos Trilhos era mais rápido. Perdi a conta das vezes que passei pelo Beco dos Trilhos. Meu olhar era sempre atento.

Pensando em Água Mineral, lembrei-me do Beco dos Trilhos. Lugar de passagem. Ninguém ia para o Beco dos Trilhos. Ali não era lugar para se ficar, para se visitar ou passear. Por ali, apenas passávamos. O que será que pensavam aquelas pessoas que ficavam a contemplar os estudantes eufóricos de volta para casa, depois da escola, com mochilas nas costas e pastas nas mãos? O que nós pensávamos sobre aquelas pessoas? Nós os víamos? Aquelas pessoas existiam para nós? Quantas vezes teríamos passado por ali, sem ao menos cumprimentar aquela mulher, ou homem, ou criança que moravam ali, no Beco dos Trilhos?

Meus amigos pobres moravam na minha rua. Brincávamos no campo de futebol da esquina, pegávamos pitanga no terreno ao lado de casa e brincávamos com a água da sanga, ali, bem pertinho do Beco dos Trilhos. Eu também tinha amigos que moravam no Beco dos Trilhos. Mas, naquela época, eu jamais pensaria na invisibilidade daquelas pessoas. Eles não eram invisíveis para mim. Eles existiam e faziam parte do meu cotidiano. Mas o Beco dos Trilhos era um lugar da cidade para o qual os seus olhos não estavam voltados. Ou melhor, os olhos da atenção carinhosa, do respeito, do reconhecimento. Eu sabia disso, embora não pudesse nomear. O Beco dos Trilhos não era um lugar a que se desse valor. E as pessoas que moravam lá passavam despercebidas no andar dos

estudantes, na janela dos carros sempre fechadas para não receberem a poeira que vinha de lá...

Água Mineral é como o Beco dos Trilhos. E o Beco dos Trilhos, em minha vida é memória, lembrança. Como em um filme rebobinado, eu revejo tudo isso enquanto escrevo minha dissertação...

Façamos, agora, uma visita ao primoroso filme de M. Night Shyamalan: *A Vila*. Filme em que o diretor problematiza a construção da realidade como um sistema de olhares, e que os críticos¹ classificaram como um tratado sobre a visibilidade.

Em *A Vila* somos transportados para o século XIX. Chegamos a Covington, um lugarejo que aparentemente está situado no ano de 1897. Shyamalan nos apresenta, logo na primeira cena, uma situação que se impõe para os habitantes daquele lugar: durante o enterro de uma criança, em num discurso em *off*, o Prof. Walker (Willian Hurt) questiona a vida na vila (e no mundo de uma forma geral). Existe não só uma relação com o espaço e com o tempo, mas também uma relação entre os sujeitos (que olham e que são olhados) que o filme buscará problematizar de modo denso e criativo.

Em Covington, os fatos começaram a se impor e fizeram com que seus habitantes começassem a questionar a própria vida naquele lugar. Ninguém podia sair da cidade. Havia, ao redor, uma floresta habitada por estranhas criaturas que aterrorizavam os frágeis e indefesos moradores dali. Eles as chamavam de “Aqueles de Quem Não Falamos”. Foi por um amor, entre o jovem Lucius e Ivy Walker, uma jovem cega, que as verdades foram sendo desveladas.... Foi dado à jovem cega, e somente a ela, o direito de conhecer a verdade sobre as criaturas da floresta. Elas não existiam. Eram criação dos próprios anciãos da cidade que desejavam protegê-la daquilo que consideravam perigoso: o mal da cidade grande. O interessante no filme é que somente quando ela consegue atravessar a floresta e pular o muro que dividia Covington (do séc. XIX) da Cidade atual é que o telespectador pode compreender que a cidade-lugarejo não existe para aquela Cidade grande. Ela é invisível, está escondida. Há como que uma passagem de tempo e de espaço, em que passamos a compreender que compartilhamos a

¹ <http://www.contracampo.he.com.br>

invisibilidades dos habitantes da cidadezinha que deseja se manter assim, invisível. A Covington de *A Vila* existe somente para aqueles que habitam nela. E só lá é que eles se fazem existir.

O filme *A Vila* é um tratado sobre a visibilidade, disseram os críticos. Falar de Água Mineral também. A questão que permeia a experiência dos moradores de Covington e Água Mineral é o fato de habitarem em um lugar que só existe para eles próprios. Só quem vive em Covington sabe que essa cidade existe. Em Água Mineral a sensação é a mesma:

As pessoas não conhecem Água Mineral. *Só quem mora aqui mesmo ou quem nos conhece e sabe que moramos aqui*, afirma uma menina, moradora da comunidade. (grifo nosso)

2.2 Água Mineral é um lugar... e vem compor a segunda cena

Enquadre 1: *A chegada*

Alameda. Pista que liga São Gonçalo à Região dos Lagos. Parada no *Makro*. Nenhuma passarela. Carros em alta velocidade. Travessia perigosa. Do outro lado: Água Mineral. Nenhuma placa ou indicação. Um posto de gasolina, algumas *Kombs* e uma longa rua pela frente.

Enquadre 2: *Passagem*

Rua Salvatori. Pista larga e asfaltada. Os buracos se confundem com os quebra molas: são todos artifícios para diminuir a velocidade dos carros que por ali transitam. Muitos caminhões e barulho na rua principal. É caminho de passagem. Ligação entre os Bairros que cercam Água Mineral: Rocha e Colubandê. Muita poeira. Um senhor na porta de casa, olhando tudo passar... e ele fica ali... a contemplar (?).

Enquadre 3: *Cartão Postal*

Um vale. Uma encosta de morros altos. Muito verde. Onde cabem muitas ruas. Uma principal e muitas outras, menores, compondo uma paisagem bonita. As casas e os animais misturam-se ao verde, figurando uma cena bucólica... em pleno centro urbano.

Enquadre 4: Instituições

Os donos dos estabelecimentos sempre à porta. No caminho, mecânica, igreja, fruteira, dois ou três mercadinhos, igreja, CIEP, igreja, casas, Associação de Moradores, Biblioteca Comunitária, Rádio Comunitária.



Figura 1 - Água Mineral.

O lugar aqui “fotofalado” chama-se Água Mineral. É uma comunidade localizada no município de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Distante vinte e três quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, Água Mineral não é um bairro formal, mas uma comunidade formada pela intersecção de partes dos bairros do Rocha, Colubandê e Galo Branco, todos do 1º distrito do município de São Gonçalo.

A região é um vale cujas encostas são áreas de proteção florestal, abrigando um horto da prefeitura. A comunidade cresceu em torno da Rua Salvatori, que vai do mercado atacadista da região até o centro do município. Nela, moram, aproximadamente, 4.000 pessoas, entre elas 1.200 são crianças e jovens de 0 a 18 anos (dados da Associação de Moradores local), uma população predominantemente de baixa renda, com renda *per capita* variando entre 1,98 e 2,97 salários mínimos e taxa de alfabetização de cerca de 88%. Em sua maioria, são imigrantes ou descendentes de imigrantes nordestinos ou mineiros. Mais recentemente, Água Mineral tem sido muito procurada por aqueles que, fugindo da agitação e da insegurança atribuídas às favelas cariocas e aos grandes centros

urbanos – Rio de Janeiro, São Gonçalo, Niterói - vão em busca de um lugar tranquilo e seguro.

Em Água Mineral não vemos a presença dominante do tráfico de drogas, como é possível observar em outras localidades próximas dali. Alguns moradores – em conversas informais – atribuem a ausência do tráfico na comunidade ao seu aspecto geográfico: “bandido aqui não tem onde se esconder” (sic). Água Mineral, caracteristicamente, não é um morro e é atravessada por uma via principal bastante movimentada, onde facilmente transitam carros de polícia. Outro fator destacado pelos moradores é justamente a forte presença de policiais na comunidade: “em cada rua mora um policial” (sic). No entanto, fatos violentos acontecem e atordoam a comunidade. Para lá são levados corpos de pessoas que foram assassinadas em outros lugares, ou seja, Água Mineral é considerado um lugar de “desova de corpos” (sic). Em relação a estes fatos, há um discurso entre aqueles com quem tive oportunidade de conversar, de que a violência ocorrida em Água Mineral “vem de fora, não está aqui” (sic) e a crença de que estas mortes “sujaram o nome de Água Mineral”(sic).

Quanto a sua história, em conversas informais com moradores mais antigos da comunidade, é possível conhecer fatos interessantes e, inclusive, compreender a razão do seu nome. Entre as décadas de 50 e 60, existiam fontes de água mineral no território hoje conhecido como Água Mineral. Uma dessas fontes era explorada para fins comerciais. A Fábrica de Água Mineral – como ficou conhecida -, engarrafava e distribuía para todo o estado do Rio de Janeiro a água denominada Água Mineral São Gonçalo. Esta época representou o apogeu de Água Mineral, pois segundo os moradores, era um lugar movimentado e conhecido, já que era ali onde se industrializava “uma das melhores águas do Estado” (sic). No entanto, esta fábrica foi à falência. Contam os moradores que houve um boicote provocado pelos próprios funcionários – quebraram a pinça, peça fundamental para o processo de exploração da água da fonte e que nunca mais foi consertada - que reivindicavam melhores salários. Outros preferem creditar a falência à incompetência administrativa de seus donos. De um modo ou de outro, o que se destaca é o significado desta falência para a comunidade: foi algo que a fez parar no tempo.

A maioria das ruas secundárias é de chão batido, sem obras de saneamento básico. Conseqüentemente, seus moradores ainda têm que conviver com valas de



Figura 3 – Distritos de São Gonçalo

1º Distrito (30 bairros) (6800 ha)	2º Distrito (20 bairros) (7200 ha)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Palmeira 2. Itaoca 3. Fazenda dos Mineiros 4. Porto do Rosa 5. Boaçu 21. Zé Garoto 22. Brasilândia 23. Rosane 24. Vila Lara 25. Centro (Rodo de S.G.) 26. Rocha 27. Lindo Parque 36. Tribobó 37. Colubandê 38. Mutondo 39. Galo Branco 40. Estrela do Norte 41. São Miguel 42. Mutuá 43. Mutuaguaçu 44. Mutuapira 45. Cruzeiro do Sul 46. Antonina 47. Nova Cidade 48. Trindade 49. Luiz Caçador 50. Recanto das Acácias 51. Itaúna 52. Salgueiro 54. Alcântara 	<ol style="list-style-type: none"> 55. Almerinda 56. Jardim Nova República 57. Arsenal 58. Maria Paula 59. Arrastão 60. Anaia Pequeno 61. Joquei 62. Coelho 72. Amendoeira 74. Jardim Amendoeira 75. Vila Candoza 76. Anaia Grande 77. Ipiíba 78. Engenho do Roçado 79. Rio do Ouro 80. Várzea das Moças 81. Santa Isabel 82. Eliane 83. Ieda 84. Sacramento

Água Mineral deveria estar no 1º Distrito, mas não existe nem no mapa nem nesta listagem.

3º Distrito (17 bairros) (5100 ha)	4º Distrito (13 bairros) (1200 ha)	5º Distrito (10 bairros) (2400 ha)
53. Jardim Catarina 63. Raul Veiga 64. Vila Três 65. Laranjal 66. Santa Luzia 67. Bom Retiro 68. Gebara 69. Vista Alegre 70. Lagoinha 71. Miriambi 73. Tiradentes 85. Pacheco 86. Barracão 87. Guarani 88. Monjolo 89. Marambaia 90. Largo da Idéia 91. Guaxindiba	6. Boa Vista 7. Porto da Preda 8. Porto Novo 9. Gradim 10. Porto Velho 11. Neves 14. Vila Lage 15. Porto da Madama 16. Paraíso 17. Patronato 18. Mangueira 19. Parada 40 20. Camarão	12. Venda da Cruz 13. Convanca 28. Santa Catarina 29. Barro Vermelho 30. Pita 31. Zumbi 32. Tenente Jardim 33. Morro do Castro 34. Engenho Pequeno 35. Novo México
Além destes 91 (noventa e um bairros) bairros oficiais, existem ainda mais 18 bairros reconhecidos pela população.		

Figura 4 – Bairros de São Gonçalo

Na primeira vez em que fui à Água Mineral, nunca tinha atravessado a ponte Rio-Niterói. Morava no Rio de Janeiro há pouco mais de um ano e tinha aprendido a me deslocar na cidade com a ajuda de um mapa. Mas Água Mineral não existia no mapa. Era preciso criar outras referências para se chegar lá. Era preciso imaginar um lugar.

Saía do centro do Rio de ônibus até o centro rodoviário de Niterói, onde pegava outro ônibus que atravessava toda a cidade de São Gonçalo (pelo menos era essa a sensação) até chegar em um lugar onde parecia que a cidade não havia chegado lá! Nesta viagem eu “ganhava” duas horas do dia! Era tempo suficiente para criar e recriar a Água Mineral que eu quisesse.

Nesta visita inicial, eu cheguei em Água Mineral por um trajeto que passa por dentro da cidade de São Gonçalo, atravessando o centro, vindo do bairro Rocha. Desta forma, chega-se pela “parte de cima” da comunidade. Cheguei a este lugar, e logo me remeteu a algo já conhecido: as vilas de Porto Alegre.

Diferente das favelas que ocupam os morros e transformam a paisagem do Rio de Janeiro, Água Mineral é uma comunidade situada em terra plana,

localizada em um vale com muitos morros, verde e gente pobre. Em alguma medida era como voltar no tempo e no espaço de algo já vivido.

Levei alguns meses para descobrir que a viagem até Água Mineral poderia ser mais curta!

Não escolhemos um tema para estudo sem termos tido um percurso por ele de alguma forma. Utilizando o recurso poético do eu lírico, até este momento, fiz emergir o “eu”, já que em todos nós habita algo da invisibilidade. Esta experiência que chamamos à cena e o percurso que fiz até aqui a partir de um lugar, de um trabalho, de uma estrada, de uma vida me levaram a escolher este tema. Agora o “nós” passa a ser utilizado como referência de autoria desta dissertação.

2.3 A terceira cena, teórica: o lugar como produtor de identidade

*Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(É nem que fosse o meu corpo!)
Mario Quintana, 1976.*

Você já deve ter respondido muitas vezes à pergunta “Onde você mora?”. E sua resposta remeteu-lhe a algum lugar. Rio de Janeiro, São Paulo, Cachoeira do Sul, Zona Sul, Zona Oeste, Ipanema, Penha, Niterói, Bangu, Parada de Lucas, Porto Alegre ou Água Mineral. Com apenas um nome, dizer deste lugar é como se estivéssemos falando de nós. Falar de nós a partir de um lugar é algo que acontece desde sempre. A poesia usa esse artifício para dizer do humano que se situa e se constitui como homem exatamente por pertencer a um lugar singular. Como nos recorda Quintana (1976), epígrafe deste item, ao olharmos o mapa de uma cidade é como se examinássemos a anatomia de um corpo, nem que fosse o nosso próprio corpo... Igualmente João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* faz do lugar o registro do humano ou faz o humano emergir do lugar ao qual pertence.

Em seu belíssimo livro *A Estória do Severino e a História da Severina*, Antonio da Costa Ciampa (1996) conta a trajetória de Severina, uma personagem saída do drama da vida real, para ilustrar o tema que pretende discutir: identidade.

o que fui, o que eu era... Vamos começar assim, numa comparação, da minha criação: dizer como fui criada, no interior, no norte, numa cidade muito pobre; um lugar onde não tinha nada (...) (p. 41)

Severina, neste trecho, para falar de si, enuncia o lugar de onde vem. O lugar onde nascemos, crescemos, moramos, como mostra Severina nesta passagem, ajuda a compor aquilo que somos. E é também, a partir deste lugar, que nos reconhecemos e somos reconhecidos, que nos identificamos e somos identificados.

Outra personagem escolhida por Ciampa, Severino, é ficcional, subtraído de *Morte e Vida Severina*, poema radical de João Cabral de Melo Neto (1965).

O meu nome é Severino
não tenho outro de pia. (p.19)

A partir deste trecho de *Morte e Vida Severina*, o autor dá início a um diálogo com o leitor sobre a forma como Severino vai descrevendo a si mesmo, buscando referências que o façam sentir-se alguém, que possa ser identificado. Busca diferenças, mas só encontra semelhanças. Então Severino, depois de apresentar-se com seu nome, com o da mãe Maria, que eram tantas, do pai finado Zacarias, que eram muitos na freguesia, busca um lugar.

Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba” (p.20)

Severino encontra, no lugar onde vive, de onde vem, uma forma de fazer com que as pessoas o reconheçam de alguma maneira. Mas em seguida constata:

Mas isso ainda diz pouco.
Se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino,
filhos de tantas Marias,
mulheres de outros tantos
já finados Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que vivia”. (p. 21)

O lugar onde ele mora não diz tudo. Não o diferencia. Ao contrário, torna-o mais um entre tantos Severinos: iguais em tudo na vida. Então perguntamo-nos, o que tem o lugar a ver com a constituição de si mesmo? O que entendemos por lugar? E como o sujeito vê a si mesmo neste ou a partir deste lugar?

Tomando como eixo a pensamento de Spink (2000) e do Grupo de Trabalho da ANPEPP *Cotidiano e Práticas Sociais* a respeito do compromisso da psicologia com a historicidade do sujeito e dos processos do cotidiano, vamos recorrer ao conceito de *lugar* proposto por eles para discutir a relação do espaço com a subjetividade. Apoiaremos-nos, também, nas reflexões de alguns autores como Junia de Vilhena, Marc Auge, Milton Santos e Edson Sousa que contribuem, cada um ao seu modo, com o tema deste capítulo.

No texto “Um lugar para o lugar na psicologia”, do Grupo de Trabalho Cotidiano e Práticas Sociais da ANPEPP, Spink (2000) inicia uma reflexão sobre a posição do profissional da psicologia diante da questão da redução da pobreza. Lembra que

há interpretações, ainda presentes no imaginário social, calcadas exclusivamente sob a ótica monetária e centrada no indivíduo ou que abordam o problema exclusivamente do ponto de vista da política macro econômica. É preciso considerar a provisão e o acesso aos serviços e bens necessários para uma vida mais digna, menos desigual e com pleno exercício da sua cidadania. (p.2)

A implicação do profissional ou pesquisador em psicologia com a questão da pobreza não pode se reduzir a práticas e especulações de ordem econômica, compensatórias ou assistencialistas. Como se “barriga cheia e panela vazia” resolvessem a complexa dinâmica da vida das populações empobrecidas da nossa sociedade. A função do psicólogo é outra. É justamente na contra-mão daquilo que reduz a pobreza e o pobre a uma lógica da necessidade. Quanto a isso, lembramo-nos de Vilhena (2002) quando afirma que o sujeito morador de comunidades populares, das favelas cariocas, por exemplo, normalmente são vistos apenas sob a ótica da necessidade:

No plano psíquico, freqüentemente, a dureza das condições de vida de determinada população é vista apenas pela vertente da patologia social, excluindo de seus universos o conflito psíquico e a singularidade que é marca de todo ser humano. Atribui-se ao pobre apenas necessidades, negando-lhes a condição de

sujeitos desejantes. Reduz-se, desta forma, o sujeito único e singular a um número na série dos “excluídos”.(p. 49)

É preciso abrir frentes de escuta para o desejo. Como já cantava Arnaldo Antunes (1987):

A gente não quer só comida,
 A gente quer comida, diversão e arte
 A gente não quer só comida,
 A gente quer saída para qualquer parte.
 A gente não quer só comida,
 A gente quer bebida, diversão, balé.
 A gente não quer só comida,
 A gente quer a vida como a vida quer.
 (...)
 A gente não quer só comer,
 A gente quer comer e quer fazer amor.
 A gente não quer só comer,
 A gente quer prazer pra aliviar a dor.
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer dinheiro e felicidade.
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer inteiro e não pela metade.

A poesia de Arnaldo Antunes ajuda-nos a compreender que somos mais do que indivíduos com necessidades; somos sujeitos de desejo. E se somos sujeitos de desejo, produzimos sentidos e atribuímos significados àquilo que nos compete, como o lugar onde vivemos. *Então, o que é o lugar?*

No encontro do Grupo de Trabalho, em que se discutia a possibilidade de se encontrar um lugar para o *lugar* na psicologia, partindo de uma reflexão sobre as demandas da atualidade quanto à redução da pobreza, os profissionais presentes esboçaram um conceito para o *lugar*. Lugar foi considerado, pelos participantes do encontro, uma referência a um horizonte de ações e ligações, de produção de sentido e de lutas: o “*lugar da gente*”. Essa definição não fica somente restrita ao meio acadêmico, podemos percebê-la na voz de uma moradora² da comunidade de Água Mineral, quando, ao definir onde ela reside e vive, nos diz:

Água Mineral não é só um pedaço de terra entre Colubandê e Rocha, Água Mineral é o nosso lugar, é a nossa casa, nossa casa que a gente tem que cuidar, tem que correr atrás, a gente tem que buscar desenvolvimento pra cá. (Ariela)^{2 3}

² A fala da moradora aqui citada compõe parte da entrevista realizada com a mesma para esta dissertação.

³ Foi-me solicitado por uma das jovens que participou desta pesquisa-intervenção que não utilizasse o seu nome verdadeiro, e eu optei por fazer o mesmo com os outros três, pois para mim o importante é que eles se reconheçam em suas falas e imagens e que suas histórias ganhem aqui espaço, corpo e visibilidade. De qualquer modo, considereei a importância de apresentá-los com (outros) nomes próprios.

Lugar e local compartilham a mesma raiz do latim – *locus*-, mas têm conotações diferentes. A transformação do vocábulo que resultou em *lugar* ganhou características de espaço ocupado, de sítio, de uso para um fim determinado e de lugarejo. Frequentemente fala-se do “local” como o “lugar onde moramos”, entretanto como Kevin Lynch (1960, apud Spink, 2000) mostrou, no seu estudo pioneiro sobre a subjetividade urbana, há muitos “lugares” no “local”.

Esta afirmação fez-nos recordar de Sérgio Destéfani Urquiza, psiquiatra do Centro de Convivência, um dispositivo da Secretaria de Saúde de São Paulo, que desenvolve seu trabalho com usuários do serviço de saúde mental e agentes comunitários de saúde, através de oficinas de vídeo. Na perspectiva do território, espaço de produção de diferença e diálogo, ele compreende a loucura ou o ser agente comunitário como lugares ocupados ou lugares dados, em que se constrói um existir cultural, um modo de habitar e de se sentir habitando o mundo. Portanto, o que ele propõe é que estes sujeitos possam se ver, também, a partir de outros lugares, experienciados através do vídeo. Por exemplo, o louco, na nossa sociedade, é visto através de uma série de premissas e preconceitos que colocam a pessoa com sofrimento psíquico no lugar de alguém incapaz, instável, em quem não se pode confiar, reduzido a um processo de desorganização e que precisa de tratamento. No entanto, o que este psiquiatra possibilita é que o louco não seja visto ou não se veja apenas a partir deste lugar, mas cria espaços para vivenciar a própria diferença e, conseqüentemente, faz com que a sociedade a perceba: quando faz vídeo, o louco é produtor, redator, editor, ator; é um cidadão que produz cultura!

Em que o louco poderia se relacionar, metaforicamente, com os moradores de Água Mineral? Ambos não são vistos, não existem, mesmo que existam; são marcados pelo diferente, pela nulidade, pela não presença no espaço público ou pela presença que incomoda. Eles marcam somente um espaço. O louco marcaria o lugar do insano e assim todos os demais lugares que ele poderia ocupar some, se esvai. O mesmo acontece com uma comunidade, ou seja, se ela ocupa no imaginário social um determinado lugar assim será identificada e igualmente assim serão reconhecidos seus moradores, não é dado a esses moradores uma outra opção de reconhecimento. Mas quantos lugares podem caber dentro de Água Mineral? Quantos lugares podem ocupar os moradores de Água Mineral?

Uma moradora traz como imagem desta comunidade uma bolsa e uma bolsa fechada, em cima de uma cadeira. Essa bolsa fechada marca imageticamente o que queremos aqui marcar: um lugar como uma única opção de olhar, quando uma multiplicidade de olhares deveria ser possível de existir! Diz-nos essa moradora:



Figura 5

Essa (fotografia) da bolsa, por que eu vejo a minha comunidade como uma bolsa? Por que existe algo dentro desta bolsa, mas para que se conheça o que está dentro desta bolsa precisa alguém abrir esta bolsa, pra encontrar o que tem aí dentro também. Então eu acho que Água Mineral é assim também, existem muitos valores, existem muitas coisas boas dentro de Água Mineral, mas a gente só vai descobrir se alguém tentar abrir essa bolsa, se alguém tentar descobrir essas coisa. (Ariela) (grifo nosso)

Outro autor que reflete sobre o *lugar* em sua obra, Marc Auge (1994), no livro “*Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*”, apresenta-nos uma conceituação sobre o lugar antropológico, destacando-o como uma construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta,

somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. Desta forma, o lugar antropológico, “*é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa*” (p 52). Este autor igualmente considera os lugares fundamentais porque são identitários, relacionais e históricos. Os sujeitos ligam-se aos lugares e os reconhecem no curso de sua vida. Há o lugar onde se nasceu, aquele de onde se vem, onde se trabalha, *o lugar onde se mora*. Isto significa que o espaço pode ser simbolizado, ou seja, ganhar um lugar representacional no imaginário do sujeito. (Santos e Vilhena, 2000)

Nesta relação do sujeito com o seu lugar é que ele irá buscar compreender o seu viver. Valadares (2000) aponta para o fato de os sujeitos sempre procurarem um esclarecimento para o gesto do seu viver. Para isso buscam uma história, suas narrativas. Na nossa leitura, isto se faz possível dentro de um campo de ação, que é o lugar, a morada do sujeito. Na fala de uma moradora de Água Mineral podemos perceber este movimento de resgate da história local, caminho que a leva a compreender ou, pelo menos, refletir sobre o viver naquele lugar:

Quando eu olhei para essa árvore, eu pensei o seguinte. *Água Mineral, ela tem uma história, minha vó sempre conta, até outras pessoas contam, que através dessa Estância, Água Mineral era muito movimentada, tinha um movimento, um fluxo de pessoas muito grande. Se isso continuasse, Água Mineral poderia ter, hoje poderia, de repente eles poderiam ter tratado da água da lagoa, poderia ter até um ponto turístico aqui dentro e não teve, por quê? Porque alguém que comprou aquele lugar não soube gerenciar e deixou acabar, deixou morrer. E eu sinto não só por ele, por esse monopólio, mas por muitas outras coisas, Água Mineral foi cortada, aquilo que ela tinha, que tava florescendo, foi cortado. E o ramo que ta nascendo, ele tem nascido cheio de espinhos.* (Ariela) (grifo nosso)



Figura 6 – Os sonhos cortados de uma geração

Neste sentido, apoiamo-nos em Santos e Vilhena (2000), quando afirmam a noção de que é também no lugar, enquanto uma construção social, que os sujeitos produzem sua subjetividade. É a partir dele que é possível pensar o viver, o trabalhar, formar os laços sociais e identificar-se com os semelhantes. É a partir de um lugar – inicialmente representado pelo círculo materno infantil – que falamos e somos ouvidos, que respeitamos e somos respeitados, que nos sentimos incluídos ou à margem. As condições de pertencimento dos sujeitos aos grupos sociais estão inscritas dentro e fora dele.

Conforme Vilhena (2004), buscamos ressaltar a importância do espaço físico, frequentemente ignorado pelas teorias psicológicas, colocando em relevo a dimensão simbólica do território na estruturação psíquica. Segundo esta autora, “cada espaço é global e particular; expressando o mundo e condições próprias, singulares de sua constituição”. (p.97)

Compreendemos o conceito “dimensão simbólica do território” como sendo basilar no entendimento do nosso olhar para o trabalho que foi desenvolvido em Água Mineral, através do uso da fotografia como um instrumento de registro e de possibilidade de discurso sobre essa comunidade, já

que não existe um sujeito psíquico sem que haja, junto com ele, um sujeito social. Pelegrino (1987) nos fala do pacto social como sustentador do pacto edípico, ou seja, não existe um sujeito sem seu contexto e quando o contexto desarticula-se, igualmente, em algum nível, o sujeito individual se quebra. É o pacto edípico que instaura a dimensão simbólica no sujeito assim como é o território que marca para o sujeito quem ele é, entendendo-se território desde um lugar físico até os rudimentos deste, ou seja, os braços e olhos maternos. Os valores que temos, as imagens que guardamos, seja de nós mesmos, seja de nosso lugar, se mesclam com todo um repertório fantasmático que não será jamais individual, posto que somos produto de uma interface social e individual. Para que um sujeito emergja há a necessidade de existir uma sustentação de um outro que dele cuida, e esse outro é necessariamente um sujeito outro que não eu mesmo, é um sujeito social.

Lewkowicz (2003) utiliza o conceito winnicotiano de mãe suficientemente boa para se referir às instituições sociais. Condiciona a existência de uma mãe suficientemente boa a certa responsabilidade jurídico-institucional e a uma série de técnicas para ampará-la. O autor considera que a demarcação do lugar para o sujeito é fundamental, posto que é essa demarcação que faz com que exista “um reino suficientemente forte” que dê ao sujeito uma referência de amparo para que este possa se considerar um ser que vive numa *polis* e por ela é visto e reconhecido.

Este aspecto do lugar como identitário, que pode ser simbolizado e ocupar um espaço afetivo no imaginário do sujeito, está presente na fala de uma moradora de Água Mineral ao se referir aos sentimentos despertados pelo lugar onde mora:

(...) de *apego ao lugar*, muitas vezes *de revolta pela situação*, poderia ser diferente, poderia ser melhor.” (Ariela) (grifo nosso)

Portanto, um lugar não é apenas o espaço em que a gente mora. Um lugar é aquilo que a gente sente por ele: o que agrada e o que desagrada, o que dá prazer e o que incomoda. Um lugar é aquele que a gente conhece como se fosse parte de nós. O nosso lugar é aquele com que a gente mais se identifica, mesmo que tenha nascido em outro lugar. É um aqui que a gente personaliza com nossos sentidos e com a nossa maneira de percebê-lo.

Aqui é um advérbio de lugar. Costa (2004), que investigou sobre a invisibilidade pública de uma classe de trabalhadores - os garis da Cidade

Universitária da USP -, lembra de um episódio com o porteiro do prédio da faculdade em que estudava e também varria. O homem questiona-o: “por que cê não trabalha de vigia aqui pra cê ver como a gente é tratado *aqui*? Tem gente que passa *aqui*, é como se a gente não existisse.” (p.118) Então, o autor se pergunta: “o homem da portaria, de que lugar ele fala, em que lugar sente não existir? Que pedido me faz?”(p.118)

A partir das indagações do autor, queremos dizer que os sujeitos fazem escolhas sim, mas que suas alternativas estão codificadas nos limites de um meio-ambiente facilitador ou não, de uma cultura do compartilhamento ou de segregação. Buscar pertencer é, para os sujeitos, incluir-se em determinados circuitos, estar em consonância com outros sujeitos no enfrentamento do cotidiano da luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento.

Tentando, ainda, compreender o espaço como agenciador de subjetividade, encontramos em Milton Santos (2004) alguns apontamentos importantes sobre o que ele denomina território. Para o autor, o território não é apenas uma delimitação geográfica, é um espaço em que construímos a nossa existência. Quando falamos de território, estamos nos referindo ao território usado, ou seja, é o chão e mais a população que o utiliza, que ali se identifica e que por ele tem um sentimento de pertencimento. O sujeito, que vive em uma comunidade como as favelas cariocas, por exemplo, tem o seu modo de ser e de viver atravessado pelas suas características, condições de habitação, aspectos geográficos. Portanto, falar de espaço exige uma reflexão sobre a ação humana em suas duas dimensões: a determinada pelas características naturais do espaço e a que transforma estas mesmas características. O espaço, portanto, é algo dinâmico, onde se reúnem materialidade e ação humana. (Santos, 2004)

Por isso, parece-nos apropriada a afirmação de Sousa (2005) que precisamos compreender a construção dos espaços – e este autor destaca o espaço urbano - para termos noção de quais sujeitos se fazem ali presentes. O espaço tem como função ser estruturante de lugares possíveis para o sujeito. No entanto, o que talvez possa nos surpreender, é que cada vez mais estes “lugares possíveis” se estreitam numa homogeneização do sentir e do pensar sem precedentes na história.

Edson Sousa (2005) aponta a necessidade de vermos os avessos dos lugares nas cidades. O lado invisível dos lugares também comporta vida. O autor

articula a invisibilidade à questão do progresso nas cidades e como este é um fator que, alimentado por desigualdades, vem deixando seus restos pelos cantos. Uma das conseqüências desse processo já nos salta aos olhos: trata-se da despersonalização pela assimilação do espaço. Vemos inúmeros lugares devoradores nas cidades. Constatamos que a cidade contemporânea fragmentou o espaço.

Sobre a fragmentação do espaço Milton Santos (2004) fala-nos da invisibilidade de tudo aquilo que não tem sucesso como um efeito da globalização. Quem de nós, moradores dos grandes centros urbanos, poderia explicar o que é viver no subúrbio, nas comunidades populares ou numa favela? Explicar o que seria Água Mineral? Nossos olhos estão mais voltados para Ipanema, Leblon, para os sucessos globais e para as notícias diárias sobre a vida daqueles que “deram certo”. Na mídia, estes lugares que não sabemos explicar, aparecem apenas sob a chancela da marginalidade: o traficante, o tiroteio, o pobre, a miséria, o caos.

Esta fragmentação se deve, em muito, a um progressivo esvaziamento da esfera pública que tem alimentado a construção de verdadeiras ilhas protegidas: os novos guetos consolidados e hipervalorizados e que têm como figuras emblemáticas as microcidades cercadas, lembrando em muito as cidadelas medievais com seus muros e muralhas.

Vilhena (2003) tece uma reflexão interessante de ser aqui trazida: a partir de uma porta de blindex em um departamento de Psicologia, do confinamento e segregação dos alunos ao corredor, sem o direito de acessar o Departamento de pós-graduação, tendo inclusive os professores a necessidade de possuir um cartão eletrônico e uma senha de entrada, a autora chega a *ágora*, à cidade, e nos relata:

Cada vez mais vamos nos acostumando com o fechamento paulatino dos espaços de convivência pelas grades. Assistimos (certamente com repercussões clínicas) a uma inversão histórica em uma tradição milenar da humanidade. O que agora causa pânico são os espaços abertos e não mais os fechados. Temos medo de andar pelas ruas, pelas praças, pelas avenidas, como se do aberto, do público, da *ágora*, pudessem surgir os demônios das “classes perigosas”. *Sob a justificativa de uma política de segurança estamos acabando com o comércio, com os cinemas, com a vida da rua, buscando incentivar, cada vez mais, a criação de shopping-centers. Nada melhor do que tentar duplicar a cidade, sem o que de “desagradável” há nela – o diferente.* (p. 84) (grifo nosso)

Quando construímos cidades *shoppinizadas*, duplicadas, estamos, dessa forma, fragmentando mais uma vez o espaço já tão fragmentado do nosso dia-a-dia. Como se fosse possível tirar do alcance de nossas vistas tudo aquilo que nos fosse estranho, diferente, que não podemos suportar ou o que temos medo. “O outro nos causa medo, o desconhecido nos causa medo”, já nos avisava Vilhena (2003), assim como igualmente anuncia que “a paranóia da segurança traz ainda uma outra conseqüência –, a busca incessante de controle e a crença de que seremos capaz de tudo controlar e nos defender desta situação – mesmo que o preço a ser pago seja o isolamento total.”. (p.85)

Nesse isolamento acabamos por não saber mais distinguir quem seja inimigo ou não, quem seja um cidadão ou não, e igualmente o que seja algo diferente de mim ou do lugar onde habito. A diferença desaparece, posto que em todos os *shoppings*, seja aqui no Rio, em Manaus, ou em Porto Alegre, todas as lojas serão as mesmas, todos os Mac-Donalds terão o mesmo cardápio e a comida o mesmo gosto. Como poderemos, então, saber responder o que seja Água Mineral, por exemplo? Talvez imaginemos que seja uma garrafa plástica com água industrializada... Ou então uma estância de descanso como São Lourenço ou Caxambu... Mas será que imaginariamos ser um lugar com árvores? Será que imaginariamos como um lugar possível para que nós lá morássemos e vivêssemos?

Nosso desafio, segundo Sousa, é pensar os diferentes modos de como podemos estar na cidade ou, para sermos mais precisos, de como a cidade está em nós. No âmbito deste estudo, proporíamos que nosso desafio seja o de compreender como o lugar, a comunidade em que se vive, está em cada um dos seus habitantes! Ferreira Gullar (1976), em *Poema Sujo* poetiza quanto a essa questão ao nos dizer que

O homem está na cidade
 como uma coisa está em outra
 e a cidade está no homem
 que está em outra cidade
 mas variados são os modos
 como uma coisa está em outra coisa:

...

a cidade está no homem
 mas não da mesma maneira
 que um pássaro está numa árvore

...

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa

Ferreira Gullar diz-nos que uma coisa está em outra; um homem está na cidade como a cidade está no homem. Com o exemplo das cidades, podemos refletir a respeito dos lugares: são espaços construídos e históricos. Sua história comporta as histórias vividas pelos seus habitantes, pelos sujeitos em seus corpos. Portanto, um lugar - a cidade, a comunidade – , como bem sinalizam as palavras de Gullar, não é apenas um espaço físico representado, um espaço geográfico, ele é também um espaço subjetivo; ele ocupa nosso corpo, está no corpo.